

Uma semana de caminhada nos Picos da Europa

O grupo foi dividido em dois: os que foram mais na desportiva (e isto não é literal) e os que lá estavam mesmo para pôr os pés ao caminho. Uns acumularam mais horas de montanha, outros beberam mais cidra e comeram mais queijo, mas juntaram-se a tempo de se espantarem com cenários como a Garganta Divina. *Luís Maio (texto e fotos)*

A comida era bera, os alojamentos espartanos, mas o pessoal estava animado e o programa foi feito por medida para quem gosta de montanha. Foi uma semana (em finais de Agosto passado) de caminhadas mais ou menos longas, mais ou menos exigentes, pelos Picos da Europa, mas que proporcionaram quase sempre experiência intensas e tão próximas quanto é possível dos encantos naturais desse enclave da Cordilheira Cantábrica. A excursão era organizada pelo CAAL (Clube de Actividades ao Ar Livre), associação que regressou aos Picos pela terceira vez nas suas quase três décadas de actividade. Desta vez inscreveram-se 90 associados, divididos por duas camionetas e depois dois grupos, um mais desportivo, outro mais tranquilo.

1. Fora do trilho batido

À saída de Benia, vilória asturiana de 300 almas onde ficámos hospede-

dados, houve quem vaticinasse que seria mais um aquecimento do que um *trekking* puro e duro. Mesmo consultando o mapa, o programa desportivo do primeiro dia não parecia muito mais sério que um passeio higiénico. Confiando nos vaticínios, a maioria da excursão – na faixa dos 45-60 anos de idade –, decidiu empreender a subida ao Pico Pandescura, deixando para os mais ociosos (ou prudentes) o plano B, consistindo num circuito de fábricas de cidra e queijarias locais.

Ao fim do dia, claro, o que não faltava era gente com inveja dos excursionistas dos comes e bebes. É verdade que em comparação com as torres que coram os Picos a mais de 2500 metros, Cabeza de Pandescura é uma montanha de segunda ordem, que se eleva a “apenas” mil metros no Maciço Oriental. Mas uma caminhada com um desnível positivo (isto é, de subida) de 750 metros, contabilizado desde aquela povoação aninhada no

vale do rio Guena, é outra conversa. Mais o género de ascensão onde a meta parece cada vez mais distante e mais próxima do céu, sempre que os olhos se levantam para fazer contas ao que ainda falta subir.

Trepar uma montanha íngreme durante três horas a fio foi um preâmbulo radical – para alguns demasiado radical – para uma semana de caminhada. O “aquecimento” acabou, no entanto, por ser uma das etapas mais inesquecíveis do estágio nos Picos. Pandescura não consta de nenhum dos muitos guias da zona, pelo caminho não se encontram refúgios nem pelotões de montanheiros – nada que se mova além de vacas, ovelhas e cabras, mais o eventual peneireiro ou quebra-ossos em voo planante nas alturas. E se Pandescura não cabe na primeira liga dos Picos, o seu cume é certamente um dos melhores miradouros sobre as maravilhas calcárias que se elevam em redor.





A beleza dos Picos atinge no rio Cares o patamar do sublime. A também chamada Garganta Divina é um troço imbatível

2. Entre vacas e cavalos

Ao segundo dia o programa desportivo anunciava o número mais cobiçado: a travessia do Maciço de Andara num itinerário com saída de Fuente Dé, passagem pelo mítico Pico Urrielo (Naranjo de Bulnes, 2519 metros) e chegada a Bulnes. Oito horas de caminhada previstas, com 510 metros de subida e sobretudo 2126 metros de descida, nalguns troços tão vertical que só se consegue avançar com a ajuda de cordas. Resultado: eu, mais a metade da excursão desportiva do dia anterior que acordou a contar bolhas nos pés, inscreveu-se sem hesitações no grupo do *slow trekking*.

Os dois grupos partilharam o teleférico de Fuente Dé, mas três minutos e 800 metros mais acima, na estação de El Balcon, a minoria mais corajosa tomou a direcção dos monólitos calcários, enquanto o resto seguiu pelo interior do círculo, cruzando um par de hotéis e refúgios de montanha, várias fornadas de caminheiros e uma algarviada de línguas ocidentais. Quem esperava sopas e descanso, no entanto, voltou a enganar-se, quando o passeio “tranquilo” demorou nada menos que seis horas, incluindo uma pequena subida de menos de 100 metros e uma descida bem mais pronunciada com um desnível de 750 metros.

Este caminho circular (com partida e chegada junto ao Parador de Fuente Dé), apesar de turístico, revelou-se como um registo perfeito para perceber os Picos de alto a baixo. Lá em cima é um deserto de torres e funis calcários, uma paisagem de matriz cárstica, seca, caótica e inóspita. Um degrau mais abaixo, as montanhas passam a ser colonizadas por vegetação rasteira e povoadas por bandos de cavalos sem rédeas e vacas que pastam a eito (disseminando as respectivas bostas gigantes, onde mais cedo ou mais tarde se acaba por deslizar). As cotas inferiores dão finalmente lugar a espessas florestas de carvalhos e de faias com manchas de nogueiras e aveleiras pelo meio.

Dessas e doutras belezas pretendíamos dar notícia aos companheiros do grupo desportivo, que, porém, chegaram muito depois de nós e da sobremesa. A caminhada deles

alongou-se por quase dez horas – originando algumas desistências e uma série de acidentes menores, que mesmo assim se apuraram infinitamente mais interessantes do que as nossas deambulações entre vacas e cavalos.

3. As montanhas a remar

Soa como uma aventura e acaba sempre por produzir histórias para trazer para casa. Mas a descida do rio Sella em canoa é também um divertimento familiar, que funciona à maneira de um parque de diversões nos meses de Verão. O rio nasce a sul, na leonesa Fonte do Inferno, atravessa o dramático desfiladeiro dos Beyos e cruza Cangas de Onis, que tem na sua ponte romana um dos mais pitorescos miradouros sobre o rio e um dos emblemas das Astúrias.

O percurso turístico corresponde no essencial à Descida Internacional do Sella, que ocorre na segunda semana de Agosto e é uma das provas mais credenciadas da especialidade (já se registou um triunfo português). Arranca em Arriolas ou nas vizinhanças e prossegue durante 15-16 quilómetros, até à ponte ferroviária de Llovio, cerca de três quilómetros antes do Mar Cantábrico, onde as empresas de aluguer das canoas esperam para recuperar os clientes e o material.

Soa como uma aventura e acaba sempre por produzir histórias para trazer para casa. Mas a descida do rio Sella em canoa é também um divertimento familiar, que funciona à maneira de um parque de diversões nos meses de Verão

Cruzámo-nos com canoístas a sério em sentido inverso, ou seja, a subir o rio e a fazer corridas perto da foz, em Ribadesella. Já a descer, vimos de tudo nas canoas ao lado, desde avozinhos capazes de nos darem baile em matéria de remo a crianças de cinco anos de idade que mal conseguiam endireitar as pagaias na água, passando por *freaks* com os cães respectivos a ladrar o tempo todo. As canoas estilo *sit-on-top* revelaram-se fáceis de manobrar e só viraram quem deveria ter ficado em terra. Mas não traziam baterias e remar quatro a cinco horas parando só para uma bucha (para mais cercada de vespas) acabou por ser uma prova de resistência.

Pelo meio houve emoções fortes à passagem dos rápidos, onde tanto navegámos com a popa no lugar da proa, como fomos forçados a ir atrás do bidon que se soltou da embarcação com o almoço e a carteira lá dentro. Para além das anedotas, no entanto, o que mais ficou da descida do Sella foram os momentos de encanto a cada curva do rio, oferecendo novas e espectaculares combinações das águas serpenteantes com os gigantes empedernidos, resignados a vê-las passar.

4. Caminhar nas nuvens

Chamam-lhe “clima típico asturiano” e consiste num nevoeiro de cortar à faca, acompanhado por uma chuvinha miudinha, dessas que não mata mas mói. Quem vive por estas paragens já nem nota, mas é tramado para quem anda de passeio. Sobretudo quando o nosso programa anunciava subida e pernoita em refúgio de montanha a 1420 metros de altitude e a meteorologia não arriscava abertas para as 24 horas seguintes.

Os dez quilómetros de estrada desde Covadonga até ao centro de interpretação de Pedro Pidal foram cumpridos de autocarro numa estrada estreita e sinuosa, que chega a alcançar um declive de 18% à beira do precipício. É uma tortura apreciada por ciclistas calejados e uma delícia para turistas que colecionam vistas panorâmicas. Já em dias de bruma é mais um exercício para a imaginação, bem como os lagos de Ercina e Enol, que têm fama ►

Viagem Espanha



de fotogênicos, mas dos quais, na circunstância, enxergámos pouco mais que a ondulante silhueta. Em compensação, pudemos confraternizar com a metade da excursão que dormira no alto da montanha na noite anterior. Cruzámo-los no Refugio Veja de Enol, num sítio lindíssimo com um batalhão de vacas espalhadas por um prado dominado por uma pitoresca ermida, a uns 1060 metros de altitude.

Daí para a frente foram duas horas de caminhada nas nuvens, que seriam pacíficas não fosse o frio e a molha crescentes. Foi já a precisar de recarregar baterias que chegámos a Vega Redonda, onde se nos juntaram três miúdos belgas sem orçamento para pagar a pernoita (12€). Estavam em grande forma e prontos a seguir um trilho só visível no mapa deles, até encontrarem um sítio onde pudessem acampar. O que os putos belgas perderam foi um retiro de montanha de beliches limpos mas espartanos, com comes e bebes a preços de discoteca e casas de banho só abertas a partir das 18h30. Em compensação, havia wi-fi gratuito e uma pilha de jogos de mesa, suficientes para animar um grupo inteiro de andarilhos portugueses. De repente, era como se Vega Redonda não fosse um chalé de pedra, isolado nas alturas ocidentais dos Picos da Europa, mas



um clube recreativo a bombar, na esquina de uma grande cidade.

5. Do ronco à mística

Por volta das três horas da matina, a meia dúzia de adolescentes da excursão lusa foi expulsa (por alegado excesso de agitação) dos respectivos

beliches, e despejada sem piedade na sala de jantar, onde ficaram a bater cartas até ao amanhecer. Por volta das quatro toda a gente no meu andar do refúgio acordou com o que parecia uma barragem de artilharia pesada, mas na realidade não passava de uma esforçada candidatura

ao ronco supremo saído do grupo dos ressonadores (em expressiva maioria). Houve, aliás, várias réplicas e muita concorrência roncante até ao despertar oficial. Antes disso, porém, por volta das cinco da manhã, decidi a ir à casa de banho na porta ao lado, mas tive que discutir,

empurrar e até dar umas caneladas num cavalo, que insistia em bloquear a porta de entrada do abrigo.

A chuva redobrou de intensidade na manhã seguinte, arruinando os planos de descer por trilhos rurais até Covadonga. Falhou o itinerário, salvou-se o destino. Que é como quem diz: a camioneta veio resgatar-nos à tempestade para nos levar a visitar o sítio do Nordeste de Espanha que Franco promoveu a berço da nacionalidade (e da cristandade ibérica). O lugar onde é suposto Pelágio ter dado início à Reconquista da Península, uma década após a invasão árabe de 711, foi convertido pelo Generalíssimo numa atracção histórico-religiosa, onde a mística e o *kitsch* são praticamente inseparáveis.

O santuário mariano esculpido numa gruta do Monte Auseva tem tanto de maravilha natural como de artifício humano. A basílica neoromânica que se lhe juntou em 1901 não prima pelo recheio, mas contemplada a milhas tem o fascínio de um castelo Disney implantado nas Astúrias. Já a estátua XL de Pelágio parece saída de um parque de diversões fora de prazo. Um dia depois, à saída da Garganta de Carres, calhou-me um taxista que me jurou que o pedaço de história que se atribui a Pelágio não se passou em Covadonga, mas teve por cenário a zona de El Chorco de Monte Corona, ali onde se encontra uma ermida e uma antiga armadilha de lobos. Também me assegurou que, contrariamente ao que é costume dizer-se, a maior parte dos Picos não fica nas Astúrias, ou na Cantábria, mas em Leon.

Quem caminha gosta de digerir teorias assim. Misturam-se com os temas recorrentes em todos os *trekkings*, que são outras viagens e trapos para vestir na estrada. A que se acrescenta tudo o que vem à rede, desde as vantagens dos pacemakers à gordura no presunto de Chaves, passando pelo Estado da Nação, como se a Assembleia da República fosse ali ao lado, na próxima prega dos Picos. Não ficou menos claro, porém, que recordar essas misérias é um completo desperdício de energia. Ou um reconhecimento da nossa incapacidade de dizer uma paisagem com este grau de esplendor.



Mais viagens em
fugas.publico.pt/

CLUBE DE ACTIVIDADES DE AR LIVRE

Centro Associativo do Calhau -
Sítio do Calhau, Parque Florestal
de Monsanto, Lisboa
Tel.: 21 778 83 72; 96 629 52 60
www.clubearlivre.org



6. A garganta cinco estrelas

Havia raparigas a caminhar com bebês recém-nascidos a tiracolo, velhos de bengala e tratados de ornitologia debaixo do braço, jovens casais embonecados para sair à noite, putos a ouvir metal nos auscultadores, famílias em chinelas de praia e pessoal atestado com a casa às costas. Ao longo de seis horas de caminhada ultrapassámos e fomos ultrapassados por um magote de gente de toda a espécie e dos quatro cantos do mundo, naquela que é o percurso pedestre mais frequentado não apenas nos Picos, mas em toda a Cordilheira Cantábrica.

O trilho de média montanha data dos anos 50 do século passado e foi

o segundo escavado na rocha para acompanhar o canal de condução das águas do rio Cares (1921) desde a povoação leonesa de Cain até à central eléctrica de Poncebos, nas Astúrias. Tem doze quilómetros de comprimento, registando 300 metros de subida e 160 metros de descida, seguindo daquela para esta povoação – a direcção que (quase) toda a gente escolhe por causa do sol, das vistas e também porque é mais fácil subir primeiro e descer no fim. Daí dizermos que ultrapassámos ou fomos ultrapassados por meio mundo, mas raramente nos cruzámos com gente a caminhar em sentido contrário.

O rio Cares ficou para o fim do calendário CAAL nas Astúrias,

dando finalmente lugar à mistura do grupo desportivo e do grupo tranquilo num mesmo percurso. Com total justificação: antes houve momentos de magia, mas o deslumbramento provocado pela também chamada Garganta Divina é de algum modo imbatível. Pelas caprichosas e monumentais formas geológicas, sem dúvida, mas também pelo incrível esforço humano requerido pela obra hidroeléctrica, que inclusive ceifou mais de uma dezena de vidas. Permitiu, em qualquer caso, que a garganta fosse constelada de túneis, passagens e pontes, ao longo de um canal que ora rompe a cintura das montanhas, ora mergulha nas suas profundezas. A beleza dos Picos

atinge no Cares o patamar do sublime e por mais gente que haja no trilho são doze quilómetros onde cada qual pode exercer o seu direito ao deleite estético.

O deleite pode, no entanto, converter-se em pesadelo para quem empreender o caminho de volta, dobrando a parada para 24 quilómetros, sobretudo se o regresso acontecer ao anoitecer ou depois. É aí que sabe bem estar numa excursão de andarilhos calejados, que já não vão em cantigas e neste caso tomaram a decisão providencial de reservar táxis à chegada a Poncebos. Porque caminhar bem é também saber quando e onde se deve parar.

A Fugas viajou a convite do CAAL

★ BETC EURO RSCG

by ACCOR

NOVAS
CAMAS,
NOVO
CONFORTO

ibis
HOTELS

A PARTIR DE
39€

RESERVE EM WWW.IBIS.COM